

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aparecida Rodrigues de Carvalho

O XADREZ NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Congonhas

2012

Aparecida Rodrigues de Carvalho

O XADREZ NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof^o Me. Fabrine Leonard Silva

Congonhas – MG

2012

Aparecida Rodrigues de Carvalho

O XADREZ NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Física Escolar, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof^o Me. Fabrine Leonard Silva

Aprovado em ___ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Fabrine Leonard Silva - UFMG

Professor Dr. José Ângelo Gariglio - UFMG

RESUMO

Este estudo teve como objeto de trabalho a realização de um plano de ação sobre o conteúdo de xadrez na disciplina de Educação Física. O plano foi desenvolvido com alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Congonhas. O trabalho abordou o xadrez como objeto de conhecimento com suas histórias e regras, além de incentivar os alunos a compartilhar do conhecimento apreendido com os outros colegas. Enquanto conteúdo da disciplina, possibilitar o aprendizado do jogo através de sua construção, desde o tabuleiro, a função das peças e seus deslocamentos até o momento de explorar e partilhar o conhecimento apreendido com outros alunos.

Palavras-chave: xadrez, educação física, escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	09
2.1 O Xadrez.....	09
2.2 Planejamento, Planejamento de Ensino.....	10
2.3 Planejamento e avaliação da aprendizagem do conteúdo pelo aluno.....	15
2.4 Planejamento e ensino de Educação Física.....	16
3. REALIZAÇÃO DO PROJETO.....	19
3.1 Desenvolvimento das aulas.....	19
4. CONSIDERAÇÕES.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Hernández (1998), o grande desafio da educação é repensar a escola no sentido de compreender o processo de mudança em que as crianças e adolescentes estão inseridos e que participam do ambiente escolar. Essa etapa requer entender o papel da escola como um espaço que nos possibilita “pensar, aprender e atuar para enfrentar alguns dos desafios que ocorrem dentro e fora dela” (1998, p.1). Como um local de múltiplas culturas, uma vez que cada ser humano tem sua experiência cultural e sua história de vida, é preciso pensar a escola com seu jeito próprio de se organizar e de relacionar com as diversidades culturais do homem. Afinal, os professores e estudantes trazem consigo experiências culturais que contribuem na formação humana de cada um.

Nesse contexto, o autor citado constata que as mudanças sempre sofrem resistências no interior das escolas por serem regidas por modismos. Mas, é importante ressaltar que, quando se apresenta uma inovação como a inserção de projetos, estamos também a desafiando o aluno a aprender a partir de situações-problemas e utilizando o conhecimento apreendido pelo mesmo, no aprendizado de um novo conhecimento. Assim, o aprendizado vai permitir interação do aluno com a comunidade ao relacionar a questão sociocultural e contribuir com a escola para que a esta possa trabalhar a formação do aluno focada na cidadania de maneira a favorecer o diálogo crítico.

Com essa visão é possível acreditar que a inserção de projetos seja uma maneira de resgatar o que acontece além dos muros da escola. As informações que os alunos absorvem e promovem transformações constantes, na sociedade atual, nos obrigam a buscar a aprender dialogar criticamente. “Isso significa reorientar a educação para proporcionar aos alunos e aos professores experiências substantivas de compreensão” ressalta Wiske (1998, p.2, *apud* Hernández, 1998).

Através desse viés, é necessário pensar qual Educação Física é possível apresentar a estes corpos que se fazem presentes na escola? É importante que os profissionais se questionem sobre quais olhos veem o corpo humano que ali está. Esses corpos podem nos transmitir mensagens, uma vez que cada um carrega uma história, uma cultura.

Vago (2009) esclarece que da escola e da Educação Física devemos esperar respeito a todos os corpos, pois é dado a cada um o direito de utilizar o seu corpo, com naturalidade, sem imposições e enquadramento de beleza. A Educação Física, como prática da escola, tem um fazer específico, o que justifica a sua presença, afinal, espera-se que as práticas culturais construídas pelo homem sejam pertinentes para serem exploradas em todo o ambiente educacional, principalmente na Educação Física. Algumas práticas de atividades como jogos, esportes, ginásticas, danças, brincadeiras e outras manifestações que possam vir a acrescentar e se integrar à Educação Física. É preciso ressaltar que são essas práticas que “constituem o conhecimento próprio ao ensino da Educação Física”.

E finalmente, a Educação Física é componente curricular. Uma disciplina que tem por finalidade formar indivíduos críticos, para que possam agir com autonomia e auxiliar na formação de sujeitos políticos aptos a praticar o exercício da cidadania. Esta afirmação demonstra o grau de responsabilidade com a produção de conhecimento que extrapola o simples exercitar.

Enquanto componente curricular tem como objeto de estudo um conhecimento próprio que é trabalhado enquanto disciplina curricular. Esta que possui uma característica relevante: a prática pedagógica voltada para a cultura corporal de movimento, e o estudo teórico contribui para a construção do mesmo. Nesse entendimento, a prática corporal, enquanto movimento, tem o propósito de ser um elo fundamental e permanente para a formação da cultura. Esta a qual se adquire através do movimento de um sujeito, o qual se movimenta orientado por um sentido/significado como exemplo, através de um contexto histórico do xadrez com origem na Idade Média, compreender a função das peças com seus respectivos personagens (símbolos) e suas ações no tabuleiro.

Dessa forma, ocorre a projeção da cultura guiada por um sentido/significado através de símbolos e ações que põem os alunos no meio da cultura, despertando inclusive o senso de reconstrução do jogo e elaboração de um novo a partir de novas personagens, ações e em um momento histórico distinto, o contexto histórico e social vivido por eles.

E assim, com o intuito de modificar minha prática pedagógica, na Educação Física, escolhi, como foco de estudo, o xadrez. Um conteúdo que apropriei quando a escola me abordou para estruturar uma oficina de xadrez com os alunos do 6° ao 9°

ano do Ensino Fundamental. Observei durante a oficina que alguns alunos apenas conheciam o jogo, mas nunca haviam jogado.

Este trabalho procura abordar o xadrez como objeto de conhecimento com suas histórias e regras e incentivar os alunos a compartilhar do conhecimento apreendido com o outro. Enquanto conteúdo da Educação Física, possibilitar o aprendizado do jogo através de sua construção, desde o tabuleiro, a função das peças e seus deslocamentos até o momento de explorar e partilhar o conhecimento apreendido com outros alunos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, abordo a história do surgimento do xadrez, as representações de suas peças em um determinado contexto histórico. Em seguida, discorro sobre o planejamento, plano de ensino, avaliação da aprendizagem e planejamento e o plano de ensino da educação física que considero essenciais para que o ensino-aprendizagem ocorra. Afinal, é durante a construção dos mesmos que a pesquisa, a reflexão e a prática-pedagógica são estruturadas e recebem sustentação teórica além de justificar a manifestação do conhecimento a ser ministrado nas aulas de Educação Física.

2.1 O XADREZ

Considerado um jogo antigo e de grande habilidade, o xadrez tem como desafio capturar o Rei inimigo. Sua história tem registros de ter sido praticado há muitos séculos na China, Pérsia e Índia entre os séculos V e VI d.C. Seu nome tem origem na palavra persa shah, que significa “Rei”, afirma Baker (2005). Este autor também relata que, após ter sido conhecido na Espanha, o xadrez se alastrou por toda a Europa.

Os europeus nomearam as peças do xadrez tal qual a conhecemos hoje: Torre, Cavalo, Bispo, Rei, Dama e Peão. Na verdade, as peças representam o modo de vida na Idade Média. Hoje, suas denominações não soam modernas, porém, se reportarmos a seiscentos anos atrás, será possível visualizarmos os servos que eram considerados os peões nos campos a desenvolver seus trabalhos; um cavaleiro com sua armadura a cavalgar; um bispo em sua torre e, esporadicamente em alguma parte da paisagem o rei ou a rainha. Naquela época, com certeza, os nomes soavam tão atuais como para nós falar de um policial ou de um carro.

É importante ressaltar que, quando olhamos o conjunto das peças, é possível imaginá-las não apenas como simples esculturas sem valor sobre um tabuleiro, mas como uma representação na íntegra do modo como as pessoas viviam há

seiscentos anos, como um campo de batalha representado por dois exércitos que se enfrentam com igualdade de força.

Assim, como imagens que simbolizam a guerra, o jogo de xadrez tem em suas peças significado de cada um: o Cavalo retrata o cavaleiro; as Torres, o poder dos militares; os Peões, soldados; o Rei, o objetivo principal de um ataque; e o Bispo, a Igreja. O jogo remete ao passado de um período de grandes guerras em que a defesa era voltada apenas para o Rei, “governante soberano e figura central na estrutura social, e a instituição clara de regras de combate” (FILGUTH, 2007, p. 135).

O xadrez, na Educação Física, vem inserido no conteúdo Jogos, sendo uma proposta de aprendizagem que busca ampliar o conhecimento a ser trabalhado nas aulas. Ou seja, se apresenta como mais um conteúdo a ser ensinado e refletido nas, pois o seu fim não é apenas aprender a jogar, mas, acima de tudo, compreender as representações no jogo. Trabalhar com o jogo de xadrez é provocar os alunos para o novo, é apresentar conteúdos em que os mesmos não estão acostumados a vivenciar, uma vez que não tem sido inserido, na educação física, com tanta frequência como o esporte. Essa compreensão de novas práticas possibilita alternativas de formação cultural em que a relevância da intervenção pedagógica do professor nesse processo é fundamental segundo Vago (2009).

2.2. Planejamento, Planejamento de Ensino

As pessoas para viverem ou, mesmo sobreviverem se veem diante da necessidade de pensar e refletir de maneira consciente e questionadora as suas ações. Pensar sobre a vida e nossa existência é um exercício contínuo das pessoas atualmente relatam Menegolla e Sant’Anna (2005). A proposta da educação e do ensino é auxiliar o indivíduo a assumir os problemas inerentes a sua existência de forma que consiga aprender favoravelmente a viver melhor. Com esse intuito, a educação, o ensino e a ação pedagógica como um todo devem direcionar o seu pensar e planejar visando oferecer uma condução de vida positiva ao indivíduo. Nós, enquanto agentes de nossos atos, devemos pensar sobre nosso passado e presente para melhor definir o nosso futuro. Sobre isso, não se questiona, é uma necessidade

do homem que tem pressa de se colocar perante a vida, dessa forma, torna-se inegável que é necessário ao homem pensar, repensar e planejar toda a sua vida.

Com esse olhar, é que assistimos à educação, à escola e ao ensino sendo um elo entre o indivíduo, que procura através destes realizar seu projeto de vida. Através da reflexão dos autores sobre o tema, a responsabilidade da escola e dos professores em planejar o rumo das ações educativas para criar o bem viver.

A palavra poderia até ser desconhecida, mas se importar com a ação sempre fez parte do cotidiano das pessoas. Diante disso, entendemos que planejar sempre fez parte da história da humanidade, uma vez que, quando o homem pensa no seu passado, presente e futuro. Está também a pensar sobre suas ações “o que deixou de fazer; o que fez; sobre o que está fazendo e o que pretende fazer” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2005, p.15). Nesse contexto, é verdadeiro afirmar que, ao pensar, estamos também planejando. Isso nos leva a compreender que o homem sempre teve necessidade de planejar suas ações e também a história da vida humana sempre foi pensada e planejada.

Assim, vimos o quanto o indivíduo tem necessidade de pensar sobre o que é possível e correto realizar, e como ele pensa sobre o que realizar, o planejamento se autojustifica. A necessidade na vida humana é a prova concreta de sua existência e justificativa. Diante das ideias apresentadas, é possível compreender que, num sentido amplo da palavra, o planejar significa segundo os autores, pensar sobre o já existente, o que se deseja alcançar, de que maneira espera agir e como avaliar o que se almeja atingir. Através do entendimento de seu significado, nos deparamos com elementos importantes que constituem e podem compor qualquer planejamento de acordo com Menegolla e Sant’Anna (2005), a seguir:

Processo de prever necessidades: planejar partindo das necessidades e prioridades que nascem a partir de um levantamento prévio sobre a realidade. Realizar uma sondagem do que já existe é a primeira fase desse processo, uma vez que é, deste ponto, do conhecimento sobre o que existe, o estabelecimento com precisão, quais as necessidades e prioridades merecedoras de maior enfoque, análise e estudo durante o planejamento e de maneira objetiva e sem ilusões com o propósito de relacionar as necessidades as quais merecem ser sanadas imediatamente.

Processo de racionalização dos meios e recursos humanos e material: prevê e decide quais os recursos e meios úteis e disponíveis, é fundamental para

alcançar os objetivos traçados em um planejamento. Isso requer também um estudo maior e focado na realidade de maneira a adequar os recursos à proposta dos objetivos que, na verdade, decidem quais devem ser selecionados e organizados.

Processo de planejamento: visa ao alcance de objetivos em prazos e etapas definidas, portanto, deve ser considerado uma das fases mais centrais de um planejamento, pois os objetivos fornecem um norte à dinâmica e execução do desse processo. A partir deles, estabelecemos as fases e o tempo em que serão realizados. Isso requer definir até aonde chegar, quando e se deve concluir. São questionamentos que quem planeja deve elaborar para definir o tamanho e a realização do plano. Em suma, os objetivos devem expressar com bastante clareza o que se pretende alcançar. E por último, o processo de planejamento requer conhecimento e avaliação científica da situação original, uma vez que o foco é modificar o que já existe. O planejamento deve ser avaliado e reavaliado com critério e continuamente para que sua elaboração e estruturação sejam coerentes com a proposta de trabalho a ser realizada.

Enfim, é possível dizer que o planejamento para ser bem estruturado requer: conhecer o que existe e suas necessidades, possuir objetivos claros e coerentes, especificar os meios, recursos que possam ser utilizados, decidir critérios de avaliação tanto para o processo quanto para a execução do planejamento, e finalmente, determinar prazos e fases para a sua realização. A partir desses dados, é possível acreditar na aplicação do plano e, posterior, mudança da realidade hora estudada.

A seguir, veremos como o planejamento se aplica na educação e sua relevância na formação humana.

Na educação, é primordial que o processo educativo seja planejado, pois o indivíduo no seu cotidiano, precisa buscar soluções para sanar os problemas com os quais depara. É na educação que as pessoas tentam vencer as dificuldades da vida, de maneira consciente e com compromisso nas suas ações e no seu viver. Desse modo, torna-se importante o planejamento do processo educativo uma vez que o mesmo contribui com o indivíduo na sua autonomia, coragem e liberdade para escolher para escolher a sua direção, as escolhas de sua vida. Planejar a educação para que o indivíduo possa expandir sua fase de crescimento e evolução e ser autor de sua própria história.

Uma vez a educação inserida no compromisso da formação humana, o seu planejamento deve ser por um processo dinâmico, que possa criar e libertar o homem e este venha se assumir diante de seu mundo. Sem nos distanciarmos do indivíduo enquanto ser que vive sua própria vida, a educação bem como o seu planejamento precisa ser construída em âmbito nacional, estadual, regional, comunitário, escolar e um específico de ensino relacionado às diversas disciplinas e conteúdos.

O planejamento, nos seus diversos segmentos, tem capacidade para escolher e apontar as necessidades imediatas, as prioridades e de inserir uma ordem e sinalizar os recursos e meios de que precisamos para a construção das metas educacionais. Portanto, partindo dessa constatação, vemos a necessidade do planejamento educacional, como um instrumento básico para que toda a fase educacional realize sua ação, de forma unificada, com todos os recursos juntos e focada em toda a ação educativa.

Assim, merece ser destacado o planejamento educacional que deve ser compreendido como um instrumento da educação, no âmbito nacional, estadual, regional e escolar. Com ênfase, o grande objetivo, ou relevância do planejamento educacional é detectar através de meios científicos os problemas da educação nacional e estadual e apresentar propostas para solucionar os problemas da educação regional, comunitário e escolar. O agir direto sobre o indivíduo, com o intuito de atender as necessidades urgentes e alcançar as metas educacionais deve ser o grande desafio, o objetivo do planejamento educacional. Através de um planejamento nacional e estadual, é possível construir os planos curriculares das escolas que oferecem uma base para a construção dos planos de ensino. E como é na escola que o processo educacional atua direto sobre as pessoas, existe a necessidade de o planejamento ser elaborado nela.

Planejar o ensino tem como fim uma ação verdadeira de ensino e aprendizagem entre professores e alunos, uma vez que pode ser considerado uma ferramenta primária e de uso pessoal entre os mesmos. Isso significa que o plano é uma sequência contínua que encaminha para um pensamento e ação, e ignorar o que foi planejado se torna uma incoerência pedagógica. Normalmente, a área pedagógica recomenda e orienta o professor de como deve planejar, mas a ordem do planejamento quem opina são os objetivos dos alunos, dos professores e as

possibilidades de realizá-lo em sala de aula, conforme a realidade da mesma, pois como é de conhecimento de todas as turmas não são iguais, da mesma categoria.

Mas, afinal o que interessa é o plano auxiliar: o professor e o aluno. O plano de ensino precisa ser proveitoso e funcional a quem se reserva objetivamente, através de uma ação consciente, responsável e libertadora ressalta Menegolla e Sant'Anna (2005). E reafirmam dizendo que quem está na escola, no caso os professores e alunos (para ensinar e para aprender), são os que têm melhor quesito e responsabilidade de planejar a sua ação de professor e aluno. Até porque, de acordo com Lopes (*et al.*, 2001), um planejamento encaminhado para uma ação pedagógica de maneira crítica e transformadora irá possibilitar ao professor uma maior confiança para trabalhar com a relação educativa que acontece na escola e na sala de aula. Nesse contexto, um bom plano de ensino se manifestará pela ação pedagógica orientada de modo a buscar transformar o educando. Para Saviani, citado por Lopes *et al.* (2001), o papel da escola é proporcionar a obtenção dos instrumentos que viabilizem aproximar do saber construído (ciência). Já os conteúdos que fazem parte desse saber elaborado são dinâmicos e se articulam com a realidade histórica, o que significa que transmitem um aglomerado de cultura, colaboram na construção de novos conhecimentos.

É por essa razão que a identificação dos temas ou problemas se torna mais relevante para os alunos, engrandece a definição do tema da realidade a ser estudado durante o processo de ensino. Isso, na verdade, é o diagnóstico verdadeiro da realidade vivida pelo aluno e tem que ser considerado na elaboração do plano de ensino. Também devemos registrar que mesmo o processo de ensino se apresente transformador, os seus objetivos necessariamente precisam ser focados na reelaboração e produção de conhecimentos e, portanto, instigar à reflexão crítica, a curiosidade científica, a investigação e a criatividade destaca Lopes *et al.* (2001, p.47).

Diante das questões expostas, o plano de ensino se justifica pela ação de planejar que não pode ser vista como uma tarefa nula. Ao contrário, um ensino crítico e de transformação só se realiza através de um planejamento que se pretende participativo e problematizador e aceite oportunizar ao aluno refazer os conteúdos do saber sistematizado, para dar margem à construção de novos conhecimentos. Com esse pensamento, o professor deve assumir o plano de ensino

como uma ação pedagógica comprometida na totalidade por uma educação transformadora.

2.3. Planejamento e avaliação da aprendizagem do conteúdo pelo aluno

Avaliar representa pensar todo o processo de ensino-aprendizagem e implica em refletir sobre o planejamento, sobre o elo existente entre o professor e o aluno, sobre os métodos de ensino ministrados, a progressão de conhecimentos e, também compara os diferentes anseios dos estudantes, dos professores, pais, etc.

A avaliação é justificada pela maneira como são desenvolvidas as funções que a escola exerce, sendo assim, sua aplicação acontece sobre todos os elementos pessoais, sociais e da própria escola que se encontram envoltos na escolarização. Para Sacristán e Gomes (1998, p. 265), estudar a avaliação é entrar na análise de toda a pedagogia que se pratica.

O processo de avaliação inicia na estrutura do planejamento e participa de toda a realização da proposta, até a sua finalização. Sendo assim, devemos estar cientes que as tarefas que compõem o processo ensino-aprendizagem são parte do cotidiano dos alunos na escola, por isso deve efetivamente acontecer durante todo o processo, e é onde são orientadas as tomadas de decisões, as relações com o conteúdo e a compreensão e construção do conhecimento pelo aluno. Torna-se assim, inadmissível que ela ocorra de forma isolada, sem vínculo com o que acontece no dia a dia da sala de aula.

É preciso ressaltar a importância de avaliar, uma vez que é esta um dos meios que permite que o professor conheça seus alunos, o que precisam, quais são seus interesses. Conhecer as limitações e dificuldades, as capacidades e força de cada aluno e professor nos permitem redimensionar o planejamento e transformar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo para o coletivo.

Lopes *et al.* (2001) relata que a avaliação se expande, não apenas os alunos devem ser avaliados, mas também o professor, o conteúdo ministrado, os recursos materiais inseridos na aula, os objetivos, o método de trabalho utilizado.

Assistimos o processo de avaliação em sua fase final, a de classificar o aluno, mas isso não finaliza o processo ensino-aprendizagem. Seu objetivo deve ser

permitir o estudo crítico da educação existente, seus avanços, o surgimento de outros problemas, de novas prioridades a serem conquistadas e trabalhar na perspectiva de melhorar a qualidade de ensino.

2.4. Planejamento e ensino de Educação Física

Historicamente, a Educação Física vem se modificando no espaço escolar conforme as mudanças que perpassam a sociedade e os projetos político-pedagógicos traçados em cada época.

De sua relevância de lidar com um corpo sadio e disciplinado entre os séculos XVIII e XIX, pautado na medicina e nos anseios da Nação, a Educação Física foi inserida no meio escolar. A partir daí, foi constante a sua participação em distintos projetos na área da educação, criados por instituições como o Estado, o Exército, a Medicina, a Igreja e a Indústria conforme citado na proposta curricular da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG, 2005). A expectativa era que esses projetos permitissem intervir na educação das crianças e jovens com o fim de ajustar seus corpos às necessidades da sociedade (higiene, moral, civismo) e do trabalho.

Já, no século XX, a Educação Física assume a responsabilidade de estudar e ensinar o esporte no âmbito escolar. A esse processo, denominou-se de esportivização da Educação Física. Porém, com os movimentos sociais lutando em prol da democracia e com a proposta de renovação pedagógica que surgia, no Brasil, expandiram-se as discussões sobre a função da Educação Física na escola, levando em consideração a construção de uma nova proposta pedagógica.

Como uma disciplina que tem um conhecimento específico a trabalhar e tem como fim refletir sobre a cultura corporal e valores enfatizando “liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (FILHO *et al.* 2009, p. 41). A dinâmica curricular passa a adquirir uma característica distinta de quando teve início a Educação Física. Procura trabalhar uma reflexão pedagógica sobre a perspectiva de formas de representação que o sujeito tem construído no transcorrer de sua história e são manifestadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte e outros

reconhecidos como uma maneira de representar simbolicamente experiências vividas, criadas em um dado momento da história e culturalmente transformadas, como resposta a certos estímulos, desafios e necessidades do homem.

Também estamos cientes de que é necessário um plano de ação para que a Educação Física escolar se apresente com um trabalho de ensino distinto de sua fase inicial. Neste contexto, Kunz (1994) relata a necessidade das pessoas que se estão envolvidas neste processo de estarem conscientes dos objetivos e das possíveis maneiras de alcançá-los. Vê o professor como o responsável pela condução, forma de intervir e de interceder todo o processo. Acredita que para que isso possa ocorrer é preciso interromper práticas fixas há muito tempo no dia a dia da escola e levar em conta a aula como um tempo e espaço propositadamente organizado.

Este mesmo autor (1994) afirma:

A organização de um 'programa' mínimo para a Educação Física deverá, pelo menos, conseguir pôr fim à nossa 'bagunça interna' enquanto disciplina/atividade escolar, ou seja, o fato de não termos um programa de conteúdos numa hierarquia de complexidade, nem objetivos claramente definidos para cada série de ensino. O professor decide, de acordo com alguns fatores, entre eles o seu bom ou mau humor, o que ensinar. (KUNZ, 1994, p.143).

Desta maneira, o ensino se constrói coletivamente, através da intervenção professor-aluno-conhecimento. É preciso ponderar no dia a dia das aulas a possibilidade de modificar o planejamento de forma a auxiliar a aprendizagem dos alunos de um jeito mais prazeroso e significativo com criatividade e inovações.

Por esse motivo, quando ministramos uma aula, temos que compreender como a técnica de diversos temas trabalhados na Educação Física é importante, mas exige algumas reflexões acerca de sua execução, pois os alunos, com seus anseios, expectativas e interesses distintos, acabam inserindo um sentido pessoal, um modo de realizar um determinado movimento com uma técnica de nível e/ou estilo diferente. Contudo, essa questão não é fazer com que a Educação Física tenha um ensino sem rumo, pelo contrário, a ideia é o professor expandir o conhecimento técnico do aluno, sem exigir níveis de realização de qualidade técnica elevada. A sugestão, de acordo com os estudos do coletivo de autores, é que o professor realize um aprendizado distinto, a partir não de movimentos técnicos e sim do significado que os gestos específicos possuem para estes alunos.

Com esse pensamento, os conteúdos escolhidos, organizados e ordenados devem provocar um entendimento científico de mundo, a criação de interesses e a apresentação de possibilidades e capacidade para conhecer o seu meio social e a natureza. Na verdade, a aula vem a ser um lugar propositadamente organizado para viabilizar o norte de assimilação pelo aluno, da Educação Física com seu conhecimento que lhe é específico e dos distintos modos das suas práticas na realidade social. Desse modo, a aula consegue aproximar o aluno através da “percepção da totalidade das suas atitudes, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente)” (FILHO *et al.* 2009).

E finalmente, para auxiliar a explicação do conteúdo, torna-se viável que a aula seja dividida em três etapas. Sendo que, na primeira, os conteúdos e objetivos a serem trabalhados são discutidos com os alunos em busca de boas alternativas de organização para a realização das atividades apresentadas. A segunda etapa, por ser o momento de assimilar o conhecimento, necessita de um tempo mais amplo. E na terceira etapa, se juntam as conclusões, avaliam o trabalho desenvolvido e acrescentam perspectivas para as próximas aulas. Feito isso, independente da ordem do ensino a ser ministrado o que é necessário é organizar o conteúdo a ser assimilado respeitando o tempo necessário para que o aluno possa apreender e consolidar o conhecimento ministrado.

3. REALIZAÇÃO DO PROJETO

O projeto se desenvolveu em uma escola pública da rede municipal de Congonhas, que trabalha com a educação infantil e ensino fundamental do primeiro ao nono ano. Tem 308 estudantes e 42 servidores entre professores e funcionários. Apresenta boa interação com a comunidade e autonomia assegurada em sua proposta pedagógica para desenvolver suas atividades.

O tema explorado foi o xadrez na Educação Física com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental que possui em média 20 a 25 alunos. Através do plano de ação (projeto), foi possível observar a evolução da aprendizagem e da inserção do conhecimento sobre o xadrez, bem como, relatar a prática-pedagógica ministrada levando em consideração os seguintes pontos: abordagem, interesse pelo tema, envolvimento dos alunos, organização coletiva durante a atividade e o compartilhamento do conhecimento aprendido.

3.1 Desenvolvimento das Aulas

Ao planejar o primeiro plano de aula, procurei buscar alternativas de trabalho (filme, construção do tabuleiro) que possibilitassem uma melhor compreensão da proposta do tema a ser ensinado: o xadrez. Ensiná-lo, na Educação Física, tinha o propósito de propiciar aos alunos o ensino-aprendizagem do jogo a partir de sua história e representações de suas peças nesse contexto.

Plano de aula n° 01 e 02

Instituição: Escola Municipal “José Monteiro de Castro”

Disciplina: Educação Física Tema: Xadrez

Data: 14 e 16-02-2012 Horário: 07h às 07h50min e 10h40min às 11h30min

Gênero: Masc. e Fem. Nº de alunos: 24

Faixa etária: 11 a 13 anos

OBJETIVO: Conhecer a história e as representações do espaço (tabuleiro) e peças do jogo de xadrez.

MATERIAL PEDAGÓGICO: Televisão e DVD, um tabuleiro de xadrez, papel ofício, lápis, borracha e régua.

DESENVOLVIMENTO:

Procurar identificar quem joga xadrez, com quem aprendeu? Na família? Na rua?

Indagar se já ouviram a história do xadrez, quando ele surgiu? Em que época? Qual é o objetivo do jogo?

Instigar a curiosidade dos alunos e transmitir um filme “Tróia”, que aborde a Idade Média com seus castelos, reis e damas, cavaleiros, servos (peões) e representantes da Igreja, os Bispos.

Relatar a história do xadrez e solicitar aos alunos que desenhem em uma folha de papel o tabuleiro, espaço em que acontece o jogo, onde é o campo de batalha, colorindo os quadros conforme a figura do tabuleiro visualizada.

Finalizar solicitando que formem dois grupos. Cada um deverá criar o nome de um reino, um emblema e a bandeira.

AValiação:

Realizar um *feedback* com os alunos sobre a história e a representação do tabuleiro, verificar se todos conseguiram desenhar o tabuleiro. Observar a construção dos grupos e o processo da criação do Reino de cada grupo. Houve a participação de todos?

Relato plano de ação n° 01

No primeiro dia de aula do ano letivo, sugeri aos alunos desenvolver um trabalho na Educação Física que abordasse o conteúdo xadrez. Houve algumas exclamações interpretadas como uma resistência ao novo, ao diferente. Indaguei a

turma sobre quem jogava xadrez, se na família alguém jogava, se tinham algum amigo ou se já assistiram a um jogo de xadrez. Alguns disseram não saber jogar, outros sabiam, mas não compreendiam o porquê do jogo, poucos identificavam as peças, mas nenhum era capaz de jogá-lo, até porque desconheciam a história e objetivo do mesmo. Comuniquei a eles que, na próxima aula, iriam conhecer em que tempo da nossa história o xadrez foi descoberto e de que maneira foi divulgado mundialmente.

No dia 14 de fevereiro, iniciei o projeto convidando a turma a assistir um trecho do filme Tróia, o qual apresenta o Império existente há 900 anos e nos permite ter uma melhor compreensão da história, de como as pessoas viviam, seus conflitos e, principalmente, compreenderem a origem dos nomes de cada peça. Juntos, observamos o Castelo imponente com suas duas Torres, o Rei e a Rainha soberanos e seguros nas muralhas do Castelo, os servos (Peões) com suas armaduras e lanças e, finalmente, os cavalos com seus cavaleiros, prontos para a batalha. Expliquei que faltava o Bispo que representa a Igreja e apóia o Império. Perguntei se sabiam qual era o objetivo do jogo? Apenas dois responderam corretamente, os demais apenas arriscaram a responder. Era capturar o Rei. Após, relatei a origem do xadrez, sendo o começo na Índia, Pérsia e China e que as seis distintas peças existentes, no jogo, representam a maneira como viviam na Idade Média. Acrescentei que o modo como as peças se apresentam no tabuleiro, o jeito de se deslocar e o nome dado a elas tem ligação com a vida medieval com todo o seu luxo, conflito e charme. Sobre o xadrez ser conhecido mundialmente, citei o exemplo de um colega que saiu de sua cidade e foi morar em Congonhas. Junto a ele, veio também tudo o que aprendeu na sua cidade natal e será repassado aos novos amigos conquistados, ou seja, a transmissão da cultura de um lugar para o outro. Assim ocorreu com o xadrez, os persas levaram o conhecimento sobre o xadrez para a Espanha e expandiram o jogo pelo resto do mundo.

Ao encerrar a história, fiz a proposta de construirmos um tabuleiro de xadrez representando o campo onde a batalha se realiza. Entreguei uma folha de papel ofício, régua, lápis e borracha a cada um e deixei exposto a todos um tabuleiro para que servisse de exemplo. Observei, durante a execução da tarefa, que alguns tiveram a dificuldade de calcular os 64 quadros do tabuleiro. Outros me surpreenderam pela rapidez com que calcularam e desenharam os quadros.

Lentamente, aqueles que ainda resistiam em desenvolver a tarefa foram se envolvendo e construindo seu campo de batalha.

Interessante que, ao ter iniciado essas atividades, os alunos deixaram de questionar sobre as aulas práticas de Educação Física. Acredito que seja o início do despertar pelo jogo xadrez.



1ª aula: os alunos constroem seu próprio tabuleiro.

Fonte: Da autora

Relato plano de ação n° 02

Nessa aula, os alunos trouxeram os tabuleiros totalmente elaborados e coloridos. Sugeri a criação de dois grupos para que fosse possível realizar a próxima atividade sobre o xadrez. Imediatamente, me foi solicitado a separação de meninos e meninas. Como não era um jogo de força física, aceitei o pedido da turma. Em seguida, foi solicitado aos dois grupos criar o nome do Reino de cada um, um emblema e a bandeira. Visivelmente, as meninas se comunicam e discutem o tema com mais seriedade que os meninos, foi preciso um tempo a mais para que os meninos se concentrassem na proposta do trabalho, também foi notório a capacidade de organização das meninas e o despontar de uma liderança em ambos os grupos. Conclusão: o Reino das meninas intitulou-se Três Corações e dos meninos Caveirão. No meu pensamento, soou como emoção e razão. Vamos ver como vai terminar!

Elaborar eles mesmos o seu próprio tabuleiro, ou melhor, seu campo de batalha, foi o caminho que encontrei para que fossem absorvendo através do desenho o sentido e o significado do espaço do jogo, bem como as representações de suas peças em um determinado contexto histórico.



2ª aula: discussão e criação de um nome para o reino.

Fonte: Da autora

Plano de aula n° 03

Instituição: Escola Municipal “José Monteiro de Castro”

Disciplina: Educação Física Tema: Xadrez

Data: 23-02-2012 Horário: 10h40min às 11h30min

Gênero: Masc. e Fem. Nº de alunos: 24

Faixa etária: 11 a 13 anos

OBJETIVO: Compreender o movimento e a função das peças do xadrez.

MATERIAL PEDAGÓGICO: Uma bola e coletes.

DESENVOLVIMENTO:

A ideia de trabalhar a queimada-xadrez partiu do princípio de que os alunos já tinham a experiência da atividade queimada, o que ajudaria no entendimento do jogo do xadrez, uma vez que a queimada representa um campo de guerra em que um procura eliminar o outro. Agora, era preciso dar vida aos personagens os quais são as peças do xadrez onde cada um tem o seu papel de defesa, ataque e importância

na quadra. A partir da queimada-xadrez eles foram compreendendo o papel de cada peça no campo de batalha que é o tabuleiro.

Queimada-xadrez: a turma se divide em dois reinos. A batalha vai começar! Todos gritam o nome de seu reino. Cada reino deverá nomear um rei, uma dama, dois cavaleiros, duas torres, dois bispos e os demais serão peões. O Rei não poderá ser queimado, se for, o reino que o queimou conquista o reinado do adversário. A Rainha protege apenas o Rei, o Cavaleiro, se for queimado, deverá escolher um colega de seu reino e levá-lo junto à zona das vítimas capturadas, as Torres podem se movimentar pelas laterais da quadra no sentido vertical inclusive no lado do adversário, queimar e retornar à sua área quantas vezes desejar.

Obs.: Permitir que os colegas troquem de posição para experimentar outros movimentos e funções das peças do jogo.

AVALIAÇÃO:

Ao final da aula, indagar os alunos sobre a atividade desenvolvida, com o intuito de saber se foi possível compreender os movimentos e funções das peças do xadrez com o jogo da queimada. Questionar sobre qual a função mais difícil? Defender o Rei ou atacar?

Relato plano de ação n° 03

A proposta da queimada-xadrez teve como objeto inserir os alunos no mundo do xadrez, como personagens principais do jogo e com autonomia para decidirem atacar e/ou defender, para aprenderem a dinâmica do xadrez que é o de proteger o Rei. A princípio ficaram receosos e até desanimados com o jogo em função do número reduzido de alunos, apenas 16, o que impossibilitou a formação completa dos personagens. Como alternativa, os alunos optaram por manter o Rei, a Rainha, os Cavalos, as Torres e dois Peões para dar início ao jogo.

Durante o processo do jogo, observei que as meninas absorveram melhor a compreensão dos movimentos e da relevância em proteger o Rei, pois a Rainha não se afastava do Rei e ainda tentava capturar a bola para poder atacar. Quanto ao movimento da Torre, quando despertaram para a capacidade que ela tinha de poder

invadir o campo do adversário, todos desejaram tê-la. Surpreendente foi quando um Cavalo, após ser queimado e teve que escolher um colega para carregar em suas costas, os alunos logo se rebelaram: “... eu não vou carregar ninguém nas minhas costas! Isso não é justo! Basta dar as mãos!” e alteraram a regra, ao invés de carregar, apenas ir de mãos dadas ou acompanhar o cavalo de forma solidária.

Apesar do rodízio de personagens não ter sido completado por todos, eles identificaram a função e o movimento de cada um. Lamentaram a ausência de mais colegas para que a aula fosse mais dinâmica e sugeriram manter a alteração do cavalo caminhar ao lado do colega escolhido para acompanhá-lo ao invés de ter que carregar o colega.

A aula demonstrou a relevância do estudo teórico e da prática pedagógica que contribuíram para a construção e entendimento da queimada com os personagens do xadrez e, principalmente, como um planejamento bem estruturado pode colaborar para uma boa fluência da sequência das aulas. Através de um contexto histórico do xadrez, os alunos identificaram as imagens e o significado de cada uma que simbolizam a guerra. O jogo possibilitou observar também o surgimento de uma reflexão crítica, a partir da discussão em reconstruir regras antes pré-estabelecidas no jogo, com a alteração da função do Cavalo. Ao invés de carregar o colega nas costas, o grupo apresentou a ideia de apenas atravessar a quadra de mãos dadas com o colega como demonstração de amizade e não de cavalo de carga.



3ª aula: queimada-xadrez – aprendendo a dinâmica do xadrez.

Fonte: Da autora

Plano de aula n° 04 e 05

Instituição: Escola Municipal “José Monteiro de Castro”

Disciplina: Educação Física Tema: Xadrez

Data: 28-02 e 1º-03-2012 Horários: 07h às 07h50min e 10h40min às 11h30min.

Gênero: Masc. e Fem. Nº de alunos: 24

Faixa etária: 11 a 13 anos

OBJETIVO: Criar e experimentar o jogo de xadrez coletivamente.

MATERIAL PEDAGÓGICO: Giz, régua, garrafa de refrigerante, EVA, lápis, tesoura, fita adesiva ou cola.

DESENVOLVIMENTO:

Um grupo, com giz e régua, deve construir um tabuleiro gigante na quadra, diferenciando os quadros pretos e brancos colorindo a parte interna. O outro grupo, com as garrafas, desenhar em uma folha de papel, recortar e colar os símbolos de cada peça nas garrafas.

Após finalizar a construção do tabuleiro gigante e das peças do xadrez, solicitar aos alunos que refaçam os grupos para iniciar o jogo. Juntos, cada grupo lutará pelo seu reinado. Todos podem opinar, discutir, criar estratégias de jogo. Para movimentar as peças, os jogadores revezam entre si.

AValiação:

Observar as dificuldades enfrentadas na construção do tabuleiro e peças. A participação coletiva no desenvolvimento do jogo, os questionamentos e soluções apresentadas pelos alunos para ganhar a batalha.

Relato Plano de ação 04 e 05

Para o desenho do tabuleiro na quadra, lancei mão do material que estava a minha disposição diariamente, neste caso, uma caixa de giz branco. A princípio, os alunos precisaram decidir que tamanho desejavam fazer o tabuleiro. Resolveram

iniciar o desenho do centro da quadra e, a partir deste, ir desenhando o número de casas que precisavam, 64. A segunda discussão veio sobre como diferenciar a casa branca da escura, resolveram rabiscar as casas escuras para diferenciar das brancas. A terceira discussão ocorreu em torno de um acontecimento inesperado. Uma funcionária sem saber o objetivo do material, jogou as garrafas no lixo. Para que a aula não fosse interrompida, optaram por utilizar as peças do próprio jogo de xadrez. Apesar das peças se apresentarem minúsculas, esse episódio não foi obstáculo para que a aula se distanciasse de seu foco.

Durante o desenvolvimento do jogo de xadrez, os alunos alternadamente tiveram a oportunidade de realizar o movimento das peças, ora através de opinião do grupo, ora por decisão individual. Foi um período de reflexão e discussão entre os integrantes de cada grupo, uma vez que tentavam criar condições para capturar o Rei e ao mesmo tempo buscavam se defender das peças adversárias.

Vale destacar a prática social vivenciada na aula. Uma atividade partilhada com os colegas. Uma aula que trouxe um saber e um fazer que possibilitasse compreender ainda mais o processo do jogo de xadrez. A história, as peças, seus deslocamentos, a prática do jogo propriamente podem propiciar a ampliação do conhecimento sobre o xadrez e permitir a inserção dos alunos nas práticas sociais seja na escola ou fora dela.



4ª e 5ª aulas: construção do tabuleiro na quadra e jogo de xadrez coletivo.

Fonte: Da autora

Plano de aula n° 06

Instituição: Escola Municipal “José Monteiro de Castro”

Disciplina: Educação Física Tema: Xadrez

Data: 06-03-2012

Horário: 07h às 07h50min

Gênero: Masc. e Fem.

Nº de alunos: 24

Faixa etária: 11 a 13 anos

OBJETIVO: Compartilhar o conhecimento apreendido sobre o xadrez com o outro.

MATERIAL PEDAGÓGICO: tabuleiro e peças de xadrez.

DESENVOLVIMENTO:

Convidar a segunda turma de 6º ano para aprender o jogo de xadrez com os alunos da primeira turma.

Na quadra, os alunos explicam para a turma convidada a história do xadrez e como jogar o xadrez.

A sequência do aprendizado com a turma convidada deverá ocorrer em outras aulas como forma até de trabalhar a capacidade dos alunos em jogar com o outro e não contra ele.

AValiação:

Verificar através da prática, a partilha de conhecimento, a construção da amizade, o jogar com o outro e não contra ele.

Relato Plano de ação n° 06

Após cinco aulas trabalhando com o conteúdo xadrez na Educação Física, desafiei os alunos a tentar ensinar os colegas de outra turma a jogar xadrez. Questionaram sobre qual turma eles ensinariam? Disse que a escolha era deles. Decidiram então ensinar uma turma do mesmo ano e que, portanto tinham mais afinidade, o 6º ano.

Para que o encontro entre as turmas fosse concretizado, foi necessário solicitar a colaboração da professora de Matemática que lecionava na outra turma,

ou seja, ceder seu horário para que juntas pudéssemos unir as duas turmas na quadra de Educação Física.

Eufóricos e, ao mesmo tempo apreensivos, os alunos e a professora aceitaram o convite. Espalhamos vários tabuleiros na quadra com suas respectivas peças de xadrez e criamos diversos grupos de quatro alunos, em que constavam dois alunos de uma turma e dois de outra turma. Para que o encontro transcorresse naturalmente, deixei-os à vontade e me coloquei à disposição dos grupos para sanar alguma dúvida. Durante o desenvolvimento da aula, fui solicitada algumas vezes, em outros grupos para nossa surpresa os alunos já estavam jogando entre si, uma vez que todos já entendiam a regra do jogo.

Ao finalizar a aula, disseram ter apreciado o encontro e que a maioria dos colegas convidados já sabia jogar, apesar disso aceitaram não só participar como se envolveram com a aula, deram sugestões de estratégia de jogo, tiraram dúvidas sobre as peças uns com os outros, jogaram xadrez em dupla. De acordo com uma aluna “Foi uma aula diferente da que a gente está acostumada! Gostei muito!”

A última aula ministrada traduziu bem o trabalho realizado com o conteúdo xadrez, uma prática do jogo de xadrez que produziu formas de participação e transmissão de conhecimento. Houve troca de experiências, de vivências, a inserção de alunos no mundo do xadrez através de outros que acabavam de aprender o jogo. Os alunos, como sujeitos de todo o processo de ensino/aprendizado, é o que procura mostrar tal experiência. Fica aqui um conhecimento que é dinâmico e inacabado e, portanto, merecedor de continuar a ser explorado pelos professores no espaço escolar e pelos alunos nos seus cotidianos.



6ª aula: quem aprende ensina o outro.

Fonte: Da autora

4. CONSIDERAÇÕES

O período em que trabalhei com o projeto de xadrez na Educação Física se consagrou a princípio como uma tarefa árdua, pois o jogo de xadrez nunca fez parte de meu aprendizado, embora o apreciasse, a oportunidade para que esse aprendizado fosse alcançado nunca se apresentou, nem dentro ou fora da escola. Assim, mais que um tema diversificado a ser ensinado na Educação Física era um desafio, uma vez que eu precisava aprender para poder ensinar. Como o novo sempre me gera uma resistência, precisei primeiro iniciar meu aprendizado apenas observando alguns alunos do nono ano escolar que jogavam brilhantemente.

Após ingressar no curso de especialização, resolvi concretizar este aprendizado assumindo a responsabilidade de iniciar o processo ensino-aprendizagem com os alunos do sexto ano do ensino fundamental. De imediato, procurei auxílio nos livros e conheci Charles Baker “Xadrez primeiras lições”, uma leitura de fácil compreensão e prazerosa pelos exemplos e diálogo que o autor conduz com o leitor.

O curso viabilizou a inserção de um projeto que me inquietava e também observei como permitiu instigar a curiosidade dos alunos. O desenvolvimento deste me fez perceber a relevância de encontrar outras opções para trabalhar o conhecimento escolar. Constatei que a grande finalidade da inserção do trabalho através de projetos compromissados é com o ensino para a compreensão, de forma que a participação dos alunos aconteça porque aquele meio de pesquisar faz algum sentido para eles, e há estratégias utilizadas são distintas. Acredito que todo esse envolvimento da construção de um planejamento da própria aprendizagem contribui para que os alunos sejam flexíveis, reconheçam, compreendam o outro, sua vida pessoal e cultural bem como, a de seus colegas também.

Com este pensamento, este estudo colaborou na mudança da prática-pedagógica de meu cotidiano escolar, de forma a provocar uma reflexão acerca do meu saber/fazer como professora. Sinaliza uma perspectiva de transformação no processo de ensino-aprendizagem na Educação Física, um processo que é contínuo e que, portanto, merece ser discutido e refletido ininterruptamente.

5. REFERÊNCIAS

BAKER, Charles. **XADREZ primeiras lições**. São Paulo: Hemus, 2005. 127 p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em 04 de set. de 2011.

FILGUTH, Rubens. **A Importância do Xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 200 p.

FILHO, Lino Castellani *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2ª edição rev. São Paulo: Cortez, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A Partir dos Projetos de Trabalho**. Ed. Pátio, ano 2. (1998).

KUNZ, Elenor (Org.). **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ljuí: Unijuí, 1994.

LOPES, Antônia Osima [*et al.*]. **Repensando a Didática**. 17ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Planejar? Como Planejar?** 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Proposta Curricular de Educação Física**. 2005.

MINAS GERAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Desafios da Formação: Proposições Curriculares do Ensino Fundamental da Educação Básica – Educação Física da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte – 3º ciclo**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=8489&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0&>. Acesso em 03 de mar. de 2012.

SACRISTÁN, J. Gimeno, GOMEZ, A.I. Perez. **Comprender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa, Porto Alegre: 4ª ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998. 398 p.

VAGO, Tarcísio M. **Pensar a Educação Física na Escola**: para uma formação cultural da infância e da juventude. Vol. 1. Cadernos de Formação RBCE. São Paulo: Autores Associados, ISSN 2175.3962, 2009.

